CONFIGURANDO ELEMENTOS TEÓRICOS E PRÁTICOS DA EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Hermínia Regina Bugeste Marinho
– Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG
Nei Alberto Salles Filho
– Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG

RESUMO: Este estudo apresenta as linhas gerais do Projeto de Pesquisa "Configurando elementos teóricos e práticos da Educação para a Paz", desenvolvido no Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino da UEPG/PR. O objetivo do projeto é ampliar a análise teórica e prática das ações relacionadas a Educação para a Paz, estabelecendo elementos conceituais mais adequados ao encaminhamento de metodologias de intervenção no cotidiano escolar. Na dimensão teórica, aprofunda-se a análise de documentos da ONU e UNESCO, tendo como mediação os "quatro pilares da educação", o pensamento educacional de Paulo Freire e os estudos da Educação para a Paz. No estudo das ações cotidianas são analisados programas de educação em valores humanos e sua repercussão na formação de professores. Como resultados parciais observa-se a necessidade de formar uma comunidade acadêmica dedicada aos estudos da Educação para a Paz como dimensão pedagógica no enfrentamento da violência escolar. Para ampliar a rede de formação de professores dentro da temática da Educação para a Paz, o projeto promoveu o I Encontro Paranaense de Educação para a Paz, em julho de 2005.

Intenção

Paz! Uma palavra tão pequena e com tanta significação. "PAZ", uma palavra cada vez mais na "moda" e muito falada. "Paz, Paz, Paz!" Mas afinal, o que é PAZ? O que é fazer Paz, ter Paz ou construir uma Cultura de Paz. O presente artigo não tem a pretensão de responder a tais perguntas, mas procura ampliar os olhares sobre esse tema urgente no mundo atual e, portanto, fundamental de ser tratado pedagogicamente na escola.

As passeatas, as camisetas brancas e as pombas são muito bem-vindas, são símbolos da busca por essa cultura de paz. Porém, na escola, na educação, precisamos de mais. Faz-se urgente dimensionar a Paz como um elemento transversal no currículo escolar e mais, estabelecer princípios orientadores para uma prática embasada e concreta.

Essa prática de Paz não tem como foco apenas o enfrentamento direto da violência e isso tem que estar claro. Não existem projetos milagrosos que resolvam todas as mazelas sociais e educacionais do dia para a noite.

Pensar pedagogicamente a Paz tem como objetivo fundamental pensar uma Educação do Século XXI, onde estariam presentes: a abertura a novos olhares e pensamentos sobre pessoas, relações humanas, aprendizagem significativa, valores humanos, solidariedade e sociedade global. Especialmente para educadores que pretendam fazer de sua prática pedagógica um espaço de crescimento e de vida, de desenvolvimento individual e social, de "re-encantamento" por si mesmo e pelo outro!

Salientamos que há muito tempo, muitas pessoas têm falado e realizado inúmeras ações em relação à Paz, inclusive na escola. Porém, o que defendemos aqui, nessa reflexão, é a necessidade de ampliar o sentido humanista e muitas vezes romântico que vem atrelado à Paz. Obviamente é fundamental ter princípios puros e bons pensamentos, mas isso só já não basta, especialmente no espaço escolar, repleto de diversidade e particularidade.

Uma cultura de violência foi se instalando, seja pela mídia, pelas mazelas sociais, pela cultura do individualismo e competição desmedida. Chegamos ao limite dentro do olhar tecnológico em individualista do século XX. Isso faz com que não apenas precisemos ser mais puros - e, é comum ouvirmos que "precisamos resgatar valores" ou "no meu tempo era melhor" - mas, que busquemos a criticidade sobre a nossa sociedade e seus valores colocados.

Primeiro que não "resgatamos" valores como já foram; o mundo mudou, a cultura mudou, as pessoas mudaram! Diríamos talvez que temos que reinventar os valores, no sentido de torná-los valores concretos no cotidiano. Trata-se de flexibilizar os valores universais em valores reais, na nossa vida e em cada escola. Outra questão é entender que nosso tempo é o hoje, e que temos que repensar os valores no agora, sempre baseados em nossa história e na projeção de um amanhã com qualidade.

Portanto, baseando-se nessas questões, propusemos o Projeto de Pesquisa "Configurando elementos teóricos e práticos da Educação para a Paz". O projeto, aprovado institucionalmente na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná, tem duração entre 2004 e 2006. Trata de uma contribuição a mais, dentre inúmeras que acontecem no Brasil e no mundo, para ampliar a conversa efetivamente pedagógica sobre valores humanos e a criação de uma cultura de Paz.

Sabemos que não temos receitas milagrosas, o que temos é a possibilidade de olhar cada vez com mais atenção nossa vida e nossas ações! Cultura de Paz não é um mundo "cor-de-rosa com bolinhas azuis", mas é o que fazemos desse mundo através de nossas atitudes diárias.

Idéias

O projeto de pesquisa é fruto de alguns anos vivenciando palestras, oficinas, cursos, estudo, reflexão sobre o tema, buscando nos livros e principalmente na prática escolar, caminhos mais concretos para tratar a Paz como elemento pedagógico. Nesse sentido, buscamos construir um caminho mais adequado, ou o "caminho do meio" como diz o zen-budismo, que é o de buscar a sintonia entre o mundo acadêmico e o cotidiano das escolas.

Ressaltamos que quando optamos por institucionalizar a proposta, sabíamos que haveria contrapontos e argumentação sobre e mesma. Isso é um aspecto positivo, pois cada vez mais buscamos argumentos mais claros e consistentes para afirmar a importância da Educação para a Paz.

Isso é reforçado por experiências realizadas nos anos que antecederam o projeto. O que mais nos motiva são exatamente as boas experiências que nos fazem acreditar que, mais do que um trabalho acadêmico obviamente com grande importância, estamos contribuindo num trabalho humano e social urgente e necessário na realidade brasileira.

Assim, o projeto percorre o seguinte caminho: no segundo semestre de 2004 será desenvolvido trabalho de levantamento de fontes sobre Educação e Cultura da Paz. No primeiro semestre de 2005 se fará a análise preliminar do material coletado para o estabelecimento de conceitos básicos sobre a Educação para a Paz. No segundo semestre de 2005 serão divulgadas as análises, discussões e sínteses do material pesquisado através de artigos e seminários temáticos. No primeiro semestre de 2006, a partir do contexto desenvolvido, pretende-se constituir o Núcleo de Pesquisa e Práticas Pedagógicas de Educação para a Paz.

O protocolo será desenvolvido através de pesquisa indireta combinando elementos do tipo documental e bibliográfico. Para aproximar com propriedade do tema central, Educação para a Paz, as fontes a serem consultadas serão: livros, artigos, documentos oficiais, monografias, dissertações e teses, além de revistas científicas, fotos, imagens, entre outras, que se aproximem do tema, basicamente ligadas aos sub temas: Valores Humanos, Direitos Humanos, Resiliência, Ecologia, Esporte e Cultura.

Segundo Lakatos e Marconi (2002) e Cervo e Bervian (2002) será adotada a pesquisa indireta que pode ser tanto do tipo documental como bibliográfica, na medida em que pode utilizar fontes primárias ou materiais já sistematizados e discutidos por outros autores, como forma de aproximação dos conceitos gerais referentes ao tema, para a estruturação do arcabouço teórico.

De acordo com os autores a pesquisa documental investiga fontes que ainda não foram organizadas por estudos científicos (documentos, desenhos, fotos, etc) para poder descrever e analisar situações e fatos, comparando com a realidade presente. Já a pesquisa bibliográfica vai organizar e selecionar conhecimentos prévios sistematizados e trabalhados por outros autores, para novas configurações ou olhares, em função das hipóteses ou problemas levantados.

Pressupostos gerais

A Educação para a Paz, Cultura da Paz ou ainda Educação em Valores Humanos tem sido utilizados de maneira crescente, como suporte para pesquisas e ações pedagógicas na área da Educação. Porém, esse avanço rápido tem gerado uma variedade de abordagens que vão desde ao olhar afinado com as teorias educacionais contemporâneas até análises contidas em livros classificados como de "auto-ajuda" ou ligados à espiritualidade religiosa.

Isso faz com que não se busque uma estruturação de pensamento em torno da discussão concreta sobre a Paz enquanto elemento pedagógico possível e necessário da Educação. Buscar fontes e realizar análises iniciais tentando sistematizar alguns elementos teóricos e práticos sobre a Educação para Paz como instrumento efetivo para a contribuição no desenvolvimento de uma Cultura de Não-violência, particularmente através da educação, é o propósito da pesquisa.

Nesse caminho são elencadas algumas questões norteadoras para a pesquisa.

1. Pensar a Paz em seu sentido pedagógico requer o conhecimento do "estado da arte" em relação à produção sobre o tema, que ainda é difusa e multifacetada; por isso a importância de definir as fontes, analisar e discuti-las.
2. A falta de conhecimento sobre o contexto da discussão e encaminhamento teórico dos elementos que compõe a Educação para a Paz, ocasiona o senso comum em relação ao tema na educação, sendo tratado de maneira superficial e ineficaz.
3. Ao estabelecer alguns elementos teóricos, pretende-se relacionar com algumas possibilidades práticas que têm sido utilizadas como recursos didáticos nas atividades referentes ao tema paz, fazendo uma análise de sua viabilidade.

Baseando-se nas questões norteadoras, estabelecemos a hipótese da pesquisa que diz: A configuração de elementos teóricos e práticos básicos e o esclarecimento do contexto geral da Educação para a Paz contribuem na organização de ações pedagógicas mais efetivas no enfrentamento da cultura de violência presente na sociedade e na escola.

Em relação à hipótese, podemos dizer que ao longo do século XX muito se discutiu e produziu sobre o tema "Paz". Muitos educadores no mundo (DREW; DISKIN; JARES; RAYO; SERRANO, entre outros) vem buscando a sistematização das idéias em torno do que tem sido chamado de Educação para a Paz, ou seja, uma tentativa de olhar pedagógico sobre a utilização da educação para contribuição na criação de uma Cultura de Paz e enfrentamento da violência.

Embora os autores ainda tratem o tema de maneira plural, alguns com enfoque maior na prática cotidiana, alguns ligados às questões estruturais, sociológicas ou filosóficas, percebe-se claramente a importância e necessidade de aprofundar a perspectiva de uma análise do tema, procurando estabelecer indícios teóricos e elementos práticos, no sentido de possibilitar ampliar as possibilidades científicas dentro do tema "Paz".

Com elementos articuladores das diversas análises, estabelecemos os documentos da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) como fontes iniciais a serem analisadas. Fazemos essa opção considerando o Manifesto 2000 Por uma Cultura da Paz e Não-Violência (UNESCO) que estabelece os seis princípios fundamentais para a busca de uma Cultura de Paz que são: preservar a vida, rejeitar a violência, ouvir para compreender, ser generoso; preservar o planeta e redescobrir a solidariedade. Ao mesmo tempo, ao se falar em Educação, análises e aproximações se darão através dos quatro pilares básicos expressos no relatório para a UNESCO, realizado pela comissão internacional de educação coordenada por Delors (1997): aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser.

Para que a pesquisa possa estar focada na realidade brasileira, mesmo que analisado a luz de documentos internacionais, teremos como base o pensamento de Paulo Freire sobre uma dupla perspectiva. A primeira é a dimensão essencialmente humana e amorosa expressa nas seguintes palavras: "É preciso que saibamos que, sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz somente com ciência e técnica."(FREIRE, 1996, p.36)

A segunda perspectiva é a fundamentalmente crítica do olhar de Freire expressa da seguinte maneira: "Não creio em nenhum esforço chamado de Educação para a Paz, que em vez de revelar o mundo das injustiças, torne-o opaco e tenda a cegar suas vítimas". (p.46) Baseado-se nas questões levantadas, justificamos a necessidade dessa investigação, no sentido de evitar muitas ações educacionais movidas pelo senso comum ou fruto do "modismos da Paz". Assim, como indícios desta contextualização, partimos da reflexão de Rabbani (2003) que diz:

> Falar em Educação para a paz é, antes de tudo, reconstruir as condições históricas que levam as pessoas a criticar os modelos educacionais existentes a partir dos critérios da paz. Em um determinado momento social, os sistemas educacionais informais, mas principalmente formal, são criticados por não serem capazes de promover relações de paz entre as pessoas e entre as nações. (p.64)

Nesse sentido, a literatura da área estabelece alguns momentos significativos da Educação para a Paz (EP) na sua relação com a educação formal. A idéia de se alcançar a Paz por meio da educação surge inicialmente entre educadores europeus, frente às destruições da Primeira Guerra Mundial. Um dos marcos desse movimento ocorreu em Praga (1927) e reuniu educadores como Maria Montessori, além do apoio de Celestin Freinet e Jonh Dewey (JARES, 1991 *apud* RABBANI, 2003).

Um argumento importante desse momento é o pensamento de Dewey que relaciona a paz com uma sociedade "democrática onde as pessoas, livres de uma educação dogmática e condicionante, podem desenvolver um espírito cívico e questionador, não somente como cidadãos de sua nação, mas como cidadãos do mundo". (HEATER 1993 *apud* RABBANI, 2003)

Um segundo momento marcante em relação à EP se dá com o final da Segunda Guerra Mundial, particularmente com a criação dos organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Tecnologia (UNESCO). É importante destacar que os movimentos dos organismos internacionais estiveram ligados de início ao trabalho pelo fim das guerras, através de tratados, pactos mediações, etc. Porém, aos poucos, percebe-se a importância de se trabalhar pela paz a partir e através das instituições educacionais (RABBANI, 2003).

Dentro desse entendimento que a EP deve estar sintonizada com questões fundamentais da humanidade, e não ser apenas informativa ou decorativa nas escolas, é que ao longo das últimas décadas surge o movimento chamado de Pesquisa pela Paz, de maneira mais intensa na Europa.

No Brasil, ainda que existam muitas ações relacionadas ao tema, são poucos os espaços destinados à discussão detida sobre os fundamentos da EP. É comum ver a EP associada a projetos escolares, com propostas de esporte, arte e família. Tais propostas correm o risco de tornarem-se vazias ao não discutirem com clareza o que é violência, conflito e a busca de sociedade pacífica. Ao contrário, podem ser veículos privilegiados de manutenção de estruturas. Nesse sentido, o protocolo de pesquisa proposto vai caminhar olhando da EP dentro de uma perspectiva educacional crítica.

Pressupostos específicos

Dentro do contexto geral estabelecido pela pesquisa, encaminhamos o seguinte pensamento. Cultura da Paz são todas as atividades que compõe as possibilidades de ampliar a discussão, análise e ações relativas ao tema "PAZ". Pode acontecer em diferentes espaços da sociedade e de diversas maneiras. Já no âmbito da educação tem sido considerada como Educação para/pela Paz ou ainda Pedagogia da Paz ou como Educação em Valores Humanos.

Nas ações visando o fortalecimento do projeto, procuramos estabelecer atividades de parcerias através de projetos de extensão envolvendo diferentes clientelas escolares. Nesta dinâmica alguns aspectos são considerados relevantes para a EP como desenvolver as pessoas de maneira global; potencializar as relações com o meio, ou seja, buscar na própria escola/comunidade os caminhos para a Paz; fomentar o diálogo e o espírito crítico, no sentido do exercício da diferença e mediação de conflitos; favorecer o compromisso, que trata de buscar o envolvimento e a cooperação de todos os envolvidos.

No trabalho educativo, a dimensão da EP passa também pelos temas transversais, pois acreditamos não haver compartimentos nos diferentes conteúdos trabalhados. Aqui a EP tem a dimensão concreta da pedagogia de projetos, que pressupõe um ciclo no tratamento do tema.

Neste sentido podemos dizer, seguindo as orientações de Rayo, que temos as dimensões da EP intimamente ligadas ao processo pedagógico, as quais denominamos de Núcleos Temáticos ou Eixos Articuladores: *Educação cognitivo-afetiva* - conscientização que passa ao desenvolvimento de habilidades sociais que permitam viver em harmonia consigo mesmo, com os demais e com o meio natural; *Educação sócio-politica* - formação de novas gerações para, a partir do universo das idéias, da experiência social e das ações, encontrar novas formas de melhorar nosso mundo e a *Educação ambiental* - desenvolvimento sustentável, "eco-pacificar a sociedade".

Assim, podemos perceber o trabalho do ensinar e aprender com base nestes núcleos temáticos ou eixos articuladores de forma que os conteúdos se entrelacem, pois os próprios documentos do MEC (1992) apontam que tais conteúdos (político, moral, social, cívico e afetivo) são preciosos, que respondem a um projeto válido de sociedade e que estes são plenamente justificáveis, principalmente na educação básica.

O acumular saberes e aprender a fazer devem ser adicionados ao saber ser e estar, sendo este de peso significativo no conjunto do currículo escolar. Neste sentido a atualidade dos temas transversais é ponto fundamental no processo.

Olhar a EP como tema transversal é dar modernidade, é inovar e, sobretudo, transcender a formalidade dos currículos, constituindo projetos viáveis que sensibilizem os professores, alunos e a comunidade escolar em geral sobre temas do cotidiano, que sejam relevantes aos envolvidos, neste caso ligados preferencialmente à busca da Cultura da Paz como meio ambiente, democracia, não-violência, valorização da vida, valores humanos, desenvolvimento humano, entre outros.

Cabe ainda ressaltar o Manifesto 2000 da UNESCO – Manifesto 2000: Por uma Cultura da paz e não-violência, que vislumbra o fortalecimento das ações em diferentes pontos a saber: 1. "Respeitar a vida": Respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminar nem prejudicar; 2. "Rejeitar a violência": Praticar a não-violência ativa, repelindo a violência em todas as suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, em particular ante os mais fracos e vulneráveis, como as crianças e os adolescentes; 3. "Ser generoso": Compartilhar o meu tempo e meus recursos materiais, cultivando a generosidade, a fim de terminar com a exclusão, a injustiça e a opressão política e econômica; 4. "Ouvir para compreender": Defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, privilegiando sempre a escuta e o diálogo, sem ceder ao fanatismo, nem à maledicência e o rechaço ao próximo; 5. "Preservar o planeta": Promover um consumo responsável e um modelo de desenvolvimento que tenha em conta a importância de todas as formas de vida e o equilíbrio dos recursos naturais do planeta; 6. "Redescobrir a solidariedade": Contribuir para o desenvolvimento de minha

comunidade, propiciando a plena participação das mulheres e o respeito dos princípios democráticos, com o fim de criar novas formas de solidariedade.

Ainda como aporte aos pressupostos específicos, apresenta-se o Programa de Educação em Valores Humanos – PEVH/Educare, programa sistematizado na Índia por Sathya Sai Baba há mais de três décadas, e no Brasil é desenvolvido por várias organizações. Os objetivos traçados neste programa se revestem de múltiplas dimensões e têm caráter universal.

Os valores humanos apontados neste programa expressam a essência humana, e que não se confundem com metas a serem atingidas e sim ponto de partida para o exercício da vida, sendo eles: a verdade, o amor, a paz, ação correta e não-violência e todos eles contemplam sub-valores. Para Sai Baba pessoas melhores fazem um mundo melhor.

Vale salientar ainda o VIVE – programa Vivendo Valores em Educação, desenvolvido pela Universidade Brahma-Kumaris, que em seu material apresenta propostas muito interessantes do trabalho com valores humanos tanto para crianças pequenas, quanto adolescentes e adultos. Esse programa trabalha com os valores a seguir: Paz; Respeito; Amor; Responsabilidade; Felicidade; Cooperação; Honestidade; Humildade; Tolerância; Simplicidade; União e Liberdade.

Além desses, pode ser observada a idéia da Unipaz, Universidade Holística Internacional da Paz, que trabalha com três dimensões: ecologia individual (a paz consigo), ecologia social (a paz com o outro) e ecologia planetária (a paz com o todo).

Lembramos que a continuidade do projeto não encerra a discussão e o levantamento de novos estudos, pois ainda vários outros pontos poderão e deverão ser abordados com referência aos pressupostos específicos, e entendendo que a EP se constitui em um mapa social que possibilita orientações e reorientações, em diferentes espaços e tempos, e que é um processo multicultural que se complementa no outro.

Em linhas gerais, foram apresentadas as idéias centrais que estão sendo abordadas e construídas no projeto de pesquisa "Configurando elementos teóricos e práticos da Educação para a Paz", este desenvolvido na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Relembramos o que foi dito no início do texto: ainda estamos procurando o ponto de equilíbrio entre a dimensão acadêmica que muitas vezes torna o olhar analítico ao extremo, e a paixão em sonhar com um mundo mais justo, humanizado e igual, não como pensamento ingênuo, mas sim com a noção de resiliência como fonte a ser buscada. Nesse conceito de resiliência, encontra-se o último aspecto a ser observado em relação à construção da análise da EP.

Como conceito chave para nossa argumentação, nos utilizaremos fundamentalmente dos estudos encaminhados por Tavares (2000) que diz:

> Resiliência é a capacidade de responder de forma mais consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante, mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates – uma característica de personalidade que, ativada e desenvolvida, possibilita ao sujeito superar-se e às pressões de seu mundo, desenvolver um autoconceito realista, autoconfiança e um senso de autoproteção que não desconsidera a abertura ao novo, à mudança, ao outro e à realidade subjacente. (p. 09)

Seguindo os estudos de Tavares, a palavra *resiliência* é muito utilizada na Física como sendo a capacidade de tensão, pressão e deformação não permanente dos materiais. Exemplo disso são pontes, que mesmo sofrendo deformações momentâneas, devido ao tráfego intenso de veículos, adaptam-se, ajustam-se e resistem ao impacto sem ceder ou quebrar.

Essa idéia começa a ser pensada na Psicologia nos anos 1980 buscando uma analogia com a noção da ponte, ou seja, uma metáfora para dizer que o indivíduo submetido a situações de risco, estresse e experiências adversas (deformações momentâneas) pode ajustar-se e adaptar-se positivamente, mantendo-se no foco de suas ações/intenções.

Considerando a realidade atual, particularmente a sociedade brasileira, como uma realidade muito difícil e com inúmeros problemas, muitas pessoas acabam desenvolvendo defesas psicológicas (como por exemplo, culpar a todos pelo seu fracasso – a globalização, o presidente do país, o patrão, etc) e culturais (participar de grupos – religiosos, gangues, etc) que, de uma maneira geral, são formas de resiliência.

Para Tavares (2000) é no contexto acima que o conceito de resiliência deve ser questionado e deve ser desenvolvido, porque diz que uma pessoa resiliente não é apenas aquela que resiste de qualquer forma, mas sim aquele que resiste e mantém um padrão positivo na resistência, ou seja, a pessoa que passando pelas situações difíceis consegue ampliar seus horizontes e caminhar com autonomia.

Segundo Ruegg (1997 apud TAVARES 2000) a resiliência deve ser vista como: "uma qualidade de resistência e perseverança da pessoa humana face às dificuldades que encontra e mostra a evolução do conceito – das realidades materiais, físicas e biológicas, para as realidades imateriais ou espirituais".(p.34) Com isso podemos entender que a grande diferença do conceito de resiliência entre a Física e a Psicologia (ou seja, com o fator humano envolvido) é que os seres humanos podem ter uma capacidade de adaptar-se e ajustar-se não de maneira meramente passiva, mas, na medida em que se adaptam às pressões e dificuldades cotidianas, podem construir novas formas de relação, mais verdadeiras, participativas, solidárias, enfim, relações com mais qualidade.

Nesse sentido, Tavares afirma:

> A intenção é que esta qualidade não ocorra como um mecanismo de defesa, mas sim com o objetivo de educar, repensar atitudes, para a formação de sujeitos e grupos sociais mais resilientes. Os conceitos de auto-estima e auto-conceito, as diferentes dimensões da pessoa – ser, estar, ter, poder, querer – são aspectos essenciais, uma vez que o desenvolvimento de capacidades de resiliência passa pela mobilização e ativação dessas dimensões.

Nas palavras do autor, parece clara a noção de que não adianta apenas falarmos que as pessoas devem ser "melhores", mais "amigas", mais "tolerantes", no sentido "romântico", mas sim realmente pensar e repensar atitudes, valores e possibilidades de buscar desenvolvimento humano real, tanto individualmente quanto no coletivo.

Finalizando nosso texto, deixamos algumas questões finais aos educadores que se permitam pensar na EP como estratégia fundamental no processo de mediação de conflito e construção de cultura de paz nas escolas: O que eu quero ser? Quero estar na educação mesmo? O que eu quero da minha vida? O que eu quero e posso buscar de positivo com os outros da minha vida? O que eu realmente posso fazer por uma cultura de paz e enfretamento de violência em minha família, em minha escola e na vida?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERVO, A L., BERVIAN, P.A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

DELORS, J. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, 1998.

DISKIN, L. **Paz, como se faz?** Semeando cultura da paz nas escolas. Rio de Janeiro: Governo do Estado do Rio de Janeiro, UNESCO, Associação Palas Athena, 2002.

DREW, N. **A paz também se aprende**. São Paulo: Gaia, 1990.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

JARES, X. **Educação para a paz**: sua teoria e sua prática. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

LAKATOS, E.M; MARCONI, M.A. **Fundamentos da metodologia científica**. 4.ed.. São Paulo: Atlas, 2002.

RABBANI, M.J. Educação para a paz: desenvolvimento histórico, objetivos e metodologia. In: MILANI, F. (org.) **Cultura da paz**: mapas, bússolas e estratégias. Salvador: INPAZ, 2003.

RAYO, J.T. **Educação em direitos humanos**: rumo a uma perspectiva global. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

SERRANO, G.P. **Educação em valores:** como educar para a democracia. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

TAVARES, J. (org). **Resiliência e Educação.** São Paulo: Cortez, 2001.